

**PUBLICAM SUAS PROMESSAS E AGRADECEM
GRAÇAS RECEBIDAS:**

ARAGUARÍ — D. Julieta Machado dos Santos, a Sto. Antonio de Padua.

RIO BRANCO — D. Margarida Jacomel Sella, ao Imaculado Coração de Maria.

JUNDIAÍ — D. Jandyra S. Campos, ao Imaculado Coração de Maria.

ITATIBA — D. Eliza Camargo, a Nossa Senhora das Dôres e ao Coração de Maria e a São Sebastião.

CABREUVA — D. Maria Santini, em favor de Anita Passafini, Nicoláu Vassali e pelas almas do Purgatório.

OLIMPIA — Sr. Santo Seno, em favor de Antonia Brianez Seno, José e Luiza Seno, Valentuno e Maria Brianez. — D. Elzira Luiz Garcia, em favor das almas do Purgatório.

ARECEBUREJO — Sr. Domingos Vilas-Boas, ao Coração de Maria e em favor das almas do Purgatório.

CATANDUVA — D. Aurelia C.

GOIANIA — Emererich G. de Santana, a Nossa Senhora e São Judas Tadeu.

OS SANTOS DA SEMANA

JUNHO

DIA 8 — Domingo da Santíssima Trindade. — São Severino.

DIA 9 — São Primo. — São Feliciano. — Santa Pelágia.

DIA 10 — São Maurino. — São Getúlio. — Santa Margarida de Escócia.

DIA 11 — São Barnabé. — São Fortunato. — Santa Adelaide.

DIA 12 — † Corpus Christi. — São João Fagundes. — São Leão III.

DIA 13 — Santo Antonio de Pádua. — São Luciano. — São Donato.

DIA 14 — São Basílio Magno. — São Marciano. — São Eliseu.

...Para me fazer companhia!

Ao encerrar-se uma missão popular, distribuíam-se Crucifixos, para serem entronizados nas casas dos fiéis.

Terminada a distribuição, aproximou-se um menino pedindo um para si.

— Não temos para todos, — responderam-lhe os missionários.

O menino insistiu: — Eu queria também um Crucifixo.

— Você mora sózinho nalgum quarto?

— Sou um pobre engraxate e não tenho quarto — respondeu.

— Mas, então, onde é que você dorme?

— Debaixo duma escada, ali no botequim do "Barateiro".

— Então, onde é que você vai pôr o Crucifixo?

— Vou pendurá-lo à parede, perto da minha cabeceira.

— E para que é que você quer o Crucifixo?

— Para que êle me faça companhia.

E o menino pronunciou essas palavras com tamanha devoção e piedade, que os missionários ficaram enternecidos e atenderam o seu ardente desejo.

E êle lá se foi contentíssimo com o seu *Crucifixo*.

Também nós, a exemplo desse garoto, devemos ter à cabeceira de nosso leito o *nosso Crucifixo*. Também a nós êle deve fazer companhia na saúde e na enfermidade, no trabalho e no descanso, na alegria e na tristeza, de dia e de noite, durante a vida e na hora de nossa morte. É necessário que Jesus seja o nosso companheiro de todo dia, de toda hora, presidindo nosso trabalho, velando nosso descanso, animando-nos em nossos desalentos, contendo-nos em nossas empresas.

Portanto, quando cansados, descancemos aos pés do Crucifixo; quando alegres, demos graças junto do Crucifixo; quando tristes, desabafaremos o nosso coração aos pés do Crucifixo.

Contemplemos o seu rosto divino, os seus olhos misericordiosos, o seu coração coberto, os seus braços estendidos, os seus pés perfurados, as suas mãos dilaceradas.

Consideremos o quanto nos amou e amemo-lo também; o quanto sofreu por nós e soframos com êle e por êle.

O meu Crucifixo! o meu Deus! o meu Amor!

Como poderei passar sem êle à cabeceira do meu leito, entronizado em minha casa, fazendo-me companhia?

Ah! eu quero um Crucifixo "para que êle me faça companhia."

Tia Raquel



"Senhor, fazei de mim um instrumento de Paz! Onde haja ódio, que eu saiba criar o Amor!"

E. Pisichari

AVE

REVISTA SEMANAL

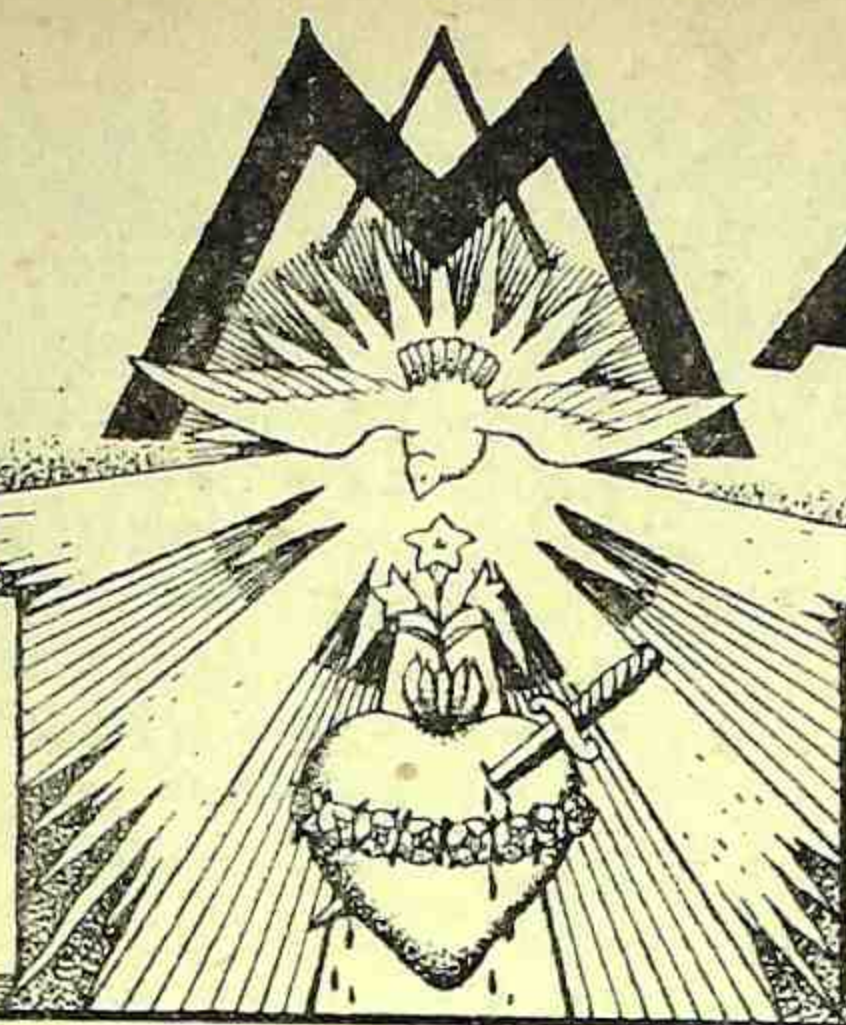
MARIA

CATOLICA ILUSTRADA

ASSINATURAS:

Perpétua 150\$000
 Ano 10\$000
 Número avulso . . . \$500
 (Com aprov. eclesiástica)

RED. E ADMIN.:
 Rua Jaguaribe, 699
 Fone: 5-1304 - Caixa, 615
 OFICINAS: Rua Martin
 Francisco, 646-656



O apostolado e o governo episcopal de São Pedro em Roma

À voz meiga e confortadora do Mestre deixa o pescador da Galiléa as redes e a barca trepidante para seguir a Jesús Cristo que o fizera, com o seu imperio onipotente, pescador de homens para as ferteis, embora difíceis, pescarias do Evangelho.

Segue, pois, a Jesús pelas estradas e pelas cidades, aprendendo a sua nova doutrina e participando ante as multidões do seu poder de fazer milagres: caminhando na região de Cesaréa de Filipo, junto às margens do Jordão, declara o Salvador a Simão Pedro com pasmo dos seus companheiros, pedra fundamental, inabalavel da sua Igreja, dando-lhe sobre ela o poder completo das suas chaves; na noite da Ceia, si bem lhe profetiza a queda lastimosa ao terror de possiveis tormentos, anuncia-lhe a sua conversão e dá-lhe a missão de confirmar na fé os seus irmãos, para que os que já são crentes não se iludam ante o brilho falso de novas e contrárias doutrinas e para que não se deixem abalar pelo medo de sangrentas perseguições.

E quando já o divino Mestre e Filho de Deus tinha subido aos céus, Simão Cefas ou Pedro, constituido Chefe visivel da Igreja, começa a exercer a sua alta magistratura na eleição de São Matias para o apostolado; e tendo recebido no dia de Pentecostes o novo batismo de fogo e do Espírito Santo, o antigo e humilde pescador dirige sua palavra autorizada e comovente

às multidões do povo reunido em Jerusalem de todas regiões conhecidas do globo.

Exerce logo por diversos lugares da Judéa o seu magisterio e governo superior da Igreja, vai a Antioquia, capital da Siria, e já grande centro de cristãos regenerados, convertidos do Judaismo e do Paganismo, e segue após alguns anos para a capital do mundo então civilizado; e às margens de um outro rio, o Tibre, que ladeia a imensa cidade e lança suas aguas e suas naves no mar mais movimentado pelas nações submetidas ao Cesar romano, o primeiro dos Pontífices cristãos, enfrentando as forças ultrapotentes do imperador e pontífice de todos os cultos do grande império, assenta a sua Igreja suprema, a Igreja que vai reger com cetro invencivel todas as igrejas do mundo, e que vai vencer com a firmeza e superioridade de sua doutrina e com o heroismo da sua virtude todas as resistências da filosofia pagã, todas as opressões dos imperadores, todas as oposições dos povos.

No afan de escurecer e destruir a preeminência doutrinal e governativa do Romano Pontífice sobre todos os cristãos, ousam negar os sectários hereges e racionalistas a presença e o governo do príncipe dos Apóstolos na capital do império romano; porém as tradições escritas e irrecusaveis dos primeiros séculos confirmam esta verdade, acreditada em todos os séculos do Cristianismo.

Desde a segunda metade do século III

de Cristo não se nega que os Papas ou Bispos de Roma governam toda a Igreja cristã; mas não faltam testemunhos evidentes da literatura histórica e teológica dos tempos precedentes, embora muito escassa pelas frequentes perseguições dos imperadores, não só contra as pessoas dos cristãos, mas também, especialmente, contra todos os livros em que se expunham e se defendiam os seus dogmas e culto religioso.

Assim São Cipriano, mártir e Bispo de Cartago, testemunha na sua epístola a Cornelio que alguns cismáticos iam a Roma, dizendo: "Ousam navegar para a cátedra de Pedro e para a Igreja principal onde nasceu a unidade sacerdotal"; e Firmiliano, Bispo de Cesarea de Capadocia, numa carta que se acha entre as de São Cipriano, contrariando a sentença do Papa Sto. Estevam sobre o batismo dos hereges, reconhece também o episcopado de São Pedro em Roma, dizendo: "Estevam que anuncia ter a cátedra de São Pedro pela sucessão".

Caio, presbítero romano, numa disputa com o herege Proclo, pelo ano 200, lhe lança um desafio com estas palavras: "Eu posso mostrar os troféus dos Apóstolos. Pois tanto se vais para o Vaticano (São Pedro) como para a via Ostiense (São Paulo), acharás fincados troféus nos quais por ambas portas se acha consolidada a Igreja Romana".

E o autor do livro contra o herege Artemón, condenado no sínodo de Antioquia do ano 216 e que se julga ser o mesmo Caio, diz também, falando do Papa São Vitor: "O qual foi o décimo terceiro Bispo da cidade romana depois de Pedro".

Dêsse mesmo periodo, da primeira metade do século III, ha testemunhos do Catalogo Liberiano, de Tertuliano e de Orígenes, falando êstes últimos do martírio de São Pedro em Roma.

No século segundo acham-se testemunhos claros de Clemente Alexandrino, de Sto. Ireneu e de São Dionisio de Corinto, esclarecendo que São Pedro ensinou a fé com São Paulo aos romanos, e dizendo expressamente Sto. Ireneu que fundou a Igreja de Roma.

No fim do século primeiro declaram a presença de São Pedro na mesma São Clemente, Papa, que fala de seu martírio em dita cidade, e Sto. Inácio, Bispo de Antioquia, que além de referir aos antioque-

nos o episcopado de São Pedro e de Sto. Evodio na séde por êle governada, diz, escrevendo aos romanos, que êle "não lhes mandava, como Pedro e Paulo. Êles eram apóstolos: eu condenado (pelo imperador ao tormento das fêras no circo).

O mesmo São Pedro, no fim da sua primeira epístola, diz que com êle sauda aos destinatarios a Igreja "coeleita" que está em Babilonia, sendo chamada por êle com êste nome a cidade de Roma, como o fez depois o apóstolo São João no Apocalipse.

As igrejas separadas ou cismáticas do Oriente celebram nas suas liturgias o episcopado e o martírio de São Pedro em Roma. As pinturas e as inscrições das catacumbas romanas indicam também a presença de São Pedro na cidade dos Césares, assim como os catálogos dos Sumos Pontífices escritos por Júlio Africano no princípio do século III, por Sto. Ireneu pelo ano 180, por Hegesipo pelo ano 155, citados por Eusébio, Bispo de Cesarea, na Palestina, embora pouco afeto pela rivalidade às igrejas do Ocidente.

A cidade capital do paganismo e centro de todos os cultos falsos, aos milhares, de divindades, inventadas pela superstição humana, culminando nas apoteoses dos seus potentissimos imperadores, veiu, pois, ser purificada e santificada pelo príncipe dos Apóstolos e Vigário de Jesús na terra para ser, por sua vez, a cabeça da religião cristã na sucessão perpétua dos tempos; e a cidade imperial e profana que teria perecido, como muitas outras, abrumada ao peso de ingentes ruínas, subsiste ainda ao brilho do poder supremo e inabalavel dos Pontífices supremos.

P. Luis Salamero, C. M. F.

A
A
R
M
A

*Qual a mais forte das armas,
A mais firme, a mais certa?
A lança, a espada, a clavina,
Ou a funda aventureira?
A pistola? O bacamarte?
A espingarda, ou a flexa?
O canhão, que em praça forte
Faz em dez minutos brecha?
— Qual a mais firme das armas?
O terçado, a fisga, o chuço,
O dardo, a maça, o virote?
A faca, o florete, o laço,
O punhal, ou o chifarote?...
A mais tremenda das armas,
Peior do que a durindana,
Atendei meus bons amigos,
Se apelida: a lingua humana!*

F. VARELA



Lições Evangelicas

DOMINGO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

NO presente Domingo dois são os Evangelhos próprios que se lêem na Santa Missa: um ao princípio, que é o da Festa da Santíssima Trindade, e outro no fim, próprio do 1.º Domingo depois de Pentecostes.

Este último é tirado do "Sermão da Montanha" e contém ensinamentos preciosísimos e muito oportunos nos dias que atravessamos, dias de guerra e de ódio. Nele Jesús recomenda-nos a caridade para com o próximo, cominando com terríveis castigos os quebrantadores da lei do amor.

O fundamento desse espírito de caridade é o amor de Deus, e por isso, no dia de hoje, não podemos deixar de fixar a nossa atenção no primeiro Evangelho.

Nele se nos revela, com uma simplicidade admirável, o mais profundo dos mistérios de Deus, fonte e raiz de todos os demais: o mistério da Santíssima Trindade.

A sublimidade deste mistério não envolve a divina essência em um véu de sombras, que no-la oculte como oculta o crepúsculo, aos poucos, os contornos das longinquas montanhas, mas ilumina-a com esplendores de um sol tão vivo e brilhante, que ofusca a debilidade da nossa fraca visão intelectual.

A contemplação da ordem reinante no mundo material, da vida insensível de uma mimosa flôr, do maravilhoso instinto dos animais, da inteligência do homem, da sabedoria dos espíritos celestiais, a contemplação da materia inerte e do movimento dos seres animados e inanimados, leva-nos pela mão às portas do santuário onde reside a divindade e afirma-nos a sua existência independente do mundo físico.

A revelação abre-nos essas portas e deixa-nos entrever, através da luminosidade infinita desse mistério, alguns segredos da vida íntima da divindade.

Um Deus e tres pessoas realmente distintas! Eis o dogma sublime da Igreja, a luz maravilhosa que a revelação projetou sobre o Ser supremo, creador do universo e seu último fim, a quem adoramos prostrados no pó da nossa insignificância.

Um Deus!

Uma única essência divina, uma só natureza, uma só substância. É uma e única a realidade em virtude da qual afirmamos que as tres pessoas divinas são Deus, uma e única a realidade pela qual existem em si, um e único o princípio donde dimanam os atos divinos.

Tres pessoas realmente distintas: Padre, Filho e Espírito Santo!

O Padre Eterno é o principio ingênito ou o principio sem principio que de ninguem procede. O Filho é unigênito, não criado, mas que procede do Padre por geração, e porquanto é o Verbo, procede da primeira pessoa pela operação do entendimento, ato eminentemente vital. O Espírito Santo procede igualmente do Padre e do Filho, mas pela operação da vontade sendo o termo substancial e imanente do ato volivo, do amor do Padre e do Filho.

Essas tres divinas pessoas são realmente distintas entre si por causa das processões, enquanto que o Filho procede o Padre e de ambos o Espírito Santo.

Desta distinção real não se deduz entretanto que existam diferenças de poder, de perfeição ou de prioridade na existência, pois as processões indicam apenas a ordem de origem existente entre as tres divinas pessoas. Portanto, o Padre, o Filho e o Espírito Santo são perfeitamente iguais enquanto à glória e felicidade, enquanto à eternidade e perfeição, enquanto ao poder e majestade. E assim podemos dizer com o Símbolo atanasiano: Na Santíssima Trindade nada é anterior ou posterior, nada maior ou menor, porém todas as tres pessoas são igualmente eternas e iguais. Igual a glória, coeterna a majestade.

A razão desta igualdade é a unidade da natureza divina, e nisto consiste o mistério impenetravel razão humana.

É verdade que os S. Padres e Doutores da Igreja se esforçaram para ilustrar aos fiéis com semelhanças sobre este santissimo mistério, mas todos, a uma voz, o proclamam infavel e incompreensível.

É um mistério de primeira ordem e não se pode chegar ao seu conhecimento sinão por meio da revelação e nem depois desta podemos compreende-lo.

Supera a nossa razão, mas não está contra ela, nem a proposição que o enuncia carece de sentido, mas o seu sentido verdadeiro e genuino pode ser aprendido e proposto por meio de palavras aptas, que nos indicam a sua existência.

Parece-nos humilhante ter de prestar este ato de fé?

Lembremo-nos dos inumeros atos de fé humana que praticamos quotidianamente.

O ato de fé que praticamos ao crermos neste mistério augustissimo é o ato mais racional da nossa inteligência, que se prostra reverente ante a divindade.

P. JESÚS MOURE, C. M. F.

Refletir

É algo difícil. É preciso quasi um esforço tirânico para prender as nossas faculdades obrigando-as a concentrar-se num determinado ponto, afim de ver bem quais as consequências de certos atos que compõem a nossa vida.

Profundar verdades, dar solução a vários problemas que nos surgem na existência exige muito recolhimento e meditação, o que parece estar fóra de moda em pleno século XX.

Tudo se comenta, tudo se vê superficialmente. Com pouca atenção se resolvem as graves questões morais e sociais.

Como volutas de fumo, que se desfazem, desfeitos ficam logo os propósitos, as resoluções que se tomaram. Duraram menos essas cogitações que duraram as rosas de Malherbe l'espace du matin.

Evoluciona-se, diz-se, reage-se, acrescenta-se e eu quedo-me silenciosa perguntando a mim mesma que evolução e reação é essa que tem por clarão apenas o rubro dum cigarro, que se consome ficando tudo reduzido a uma cinza leve que um cinzeiro recolheu, quando o cigarro foi sacudido com gesto elegante, talvez ao mesmo tempo que se punha um remate ao circulo das cogitações com frase de calão.

Pode haver um devaneio seguindo o fumo azulado das cigarrilhas, mas nunca haverá uma meditação profunda acerca dos deveres que a vida nos traz, acerca dessa palavra que Deus põe na nossa frente afim de que todas as nossas forças para ela possam convergir: — Vocação!

Vimos a êste mundo cumprir a missão que Deus teve em vista ao criar-nos e quando mais profunda e ansiosamente nós procuramos prescrutar qual é a vontade de Deus e o caminho a seguir impondo-se o silêncio à volta de nós para melhor ouvir a inspiração da graça, será torna ainda a perguntar, será seguindo a espiral do fumo do cigarro que se irá descobrir qual o caminho a enveredar? Assim é que se forma o ideal numa alma? Seria assim que uma Teresinha do Menino Jesús ouviu a voz de Deus que na idade de 15 anos a chamava ao Carmelo?... Seria apenas contemplando, sonhador, o fumo dos seus cigarros de fina marca que Charles de Foucault fez eremita no Sahara?... Seria também assim que Isabel Leseur pensava elevar as almas elevando o mundo?... Não!... É preciso mais e melhor!... Uma decisão firme, uma vocação, nunca poderá ser estudada como Deus quer, nem aceite com amor forte que abranja dessa vocação toda a sua responsa-

bilidade e grandiosidade enquanto se não meditar bem seriamente.

.....

É-se mediocre quando se podia ser grande mas escravizado pelos "deveres" da moda o mais alto valor oscila e cai por ter perdido o equilibrio moral que o devia sustentar "de pé". E ha tanto desequilibrio por falta de reflexão... A vertigem arrasta e na sua velocidade louca não ha lugar para o ato mais sério da nossa vida... refletir!... e assim decorrem os dias sem que os 1440 minutos de que cada um se compõe leve a marca valiosa da reflexão. E nesses 1440 minutos dispendidos loucamente quantos levam a marca tremenda de graves responsabilidades? Não será o fumo azulado das cigarrilhas que levará a rapariga a entrar dentro de si vendo quais são os graves e pesados encargos duma esposa e duma Mãe.

.....

Quantas vezes em horas de camaradagem livre quando a mulher esquecendo a sua dignidade procura masculinizar-se, quantas vezes se delinearão "planos tenebrosos" acerca de lares futuros, para que se não perca a mais pequena partícula do gozo a que se aspira e nem ao de leve se sombreie com o sacrificio um futuro que se deseja sempre côr-de-rosa mas que infelizmente passa a ser de furtacôres.

* * *

Havia tanto que pensar, tanto que refletir se a vida se quisesse olhar a sério...

Li algures estas palavras: — Sonhei que a vida era prazer, acordei e vi que era dever. Se todos quisessem acordar...

MARIA DE JESÚS R.



Pensamento

O mar atira as ondas caprichosas,
Ou sôbre a rocha dura
Ou na arêia dourada...
E a rocha fende em grutas primorosas...
Brilha na arêia a concha nacarada...

Quem sabe se êste mundo
Precisa de procelas
Para ter almas belas,
Para ser mais perfeito e mais fecundo?

MARIA DE CARVALHO

Meu Cantinho

O culto dos Santos

O CULTO

O culto dos Santos, cavalo de batalha dos protestantes contra a Igreja Católica, é o que ha de mais belo, mais justo e racional. Não honramos em estatuas, pinturas, *imagens*, os heróis da pátria e da ciência?

Vivemos em cidades povoadas de estatuas, obeliscos e bandeiras.

Não somos puros espíritos. Somos creaturas dotadas de sentidos e pelos sentidos nos elevamos às coisas sobrenaturais.

A imagem lembra-nos Jesús. Levantamos por ela nosso pensamento, nosso coração, ao Coração de Jesús.

Tal imagem nos mostra a Virgem Santíssima. Por ela recorremos à Mãe de Deus.

Não é assim que se faz neste mundo para recordar alguém?

Qual a razão da estatua, do retrato, da figura, da estampa?

Trazer-se à lembrança alguém que se quer honrar ou que se ama.

Nada mais racional e humano. É cousa que se vê até de olhos fechados.

Os protestantes, porém, se obstinam em nos chamar *idólatras*, e condenam peremptoriamente o culto das *imagens* e dos Santos.

Idolatria! Superstição! Paganismo! bradam eles furiosos contra os católicos, e os chamam simplesmente *idólatras*...

E não se convencem de que não adoramos *imagens*.

Ha um triplice culto, diz o catecismo: — *Culto de Latria, culto de dulia e culto de hyperdulia*.

O culto de Latria só se dá ao Senhor, a Deus — chama-se *adoração*.

O culto de *dulia*, que quer dizer veneração, respeito, se presta aos Santos.

E Nossa Senhora, Mãe de Deus, pelas suas prerrogativas unicas, merece um culto especial: é o de *hyperdulia*.

Eis a doutrina pura da Igreja. Por que baralhar as cousas? Por que nos acusam, pois, de *idólatras*?

MODOS DE FALAR

Não podemos, pois, dizer como aí se ouve muitas vezes:

— *Eu vos adoro, meu Santo Antonio!*

— *Eu vos adoro, ó Maria!*

Não adoramos nem aos Santos nem à Mãe de Deus.

Si assim falam alguns católicos, ou é em linguagem figurada ou é pura ignorância religiosa.

Aos Santos e à Maria veneramos. Só a Deus... adoramos!

Adoramos a Jesus Sacramentado, à Hóstia consagrada.

Adoramos ao Santo Lenho, isto é, a cruz em que morreu Jesús. Não é ao madeiro a nosso adoração, mas Aquele que morreu na cruz.

Sem estas noções claras, estas distinções necessárias, nos arriscamos a deixar uma noção errada sobre o culto devido a Deus e aos Santos. Portanto, senhores católicos, não digam: — *Eu adoro aos meus Santos. Adoro a Santo Antonio, ou à Santa Rita.*

Adoração pertence só a Deus, a Jesús Cristo.

As *imagens* não são os Santos, como os pagãos pensam dos seus *ídolos*.

Imagens são *imagens*. Isto é, retratos, representações do Santo que está no céu.

Não usemos também a expressão *adorar* sem mais nem menos.

Não demos aos inimigos da nossa fé pretexto algum para zombaria do nosso belo e edificante culto dos Santos.

IMAGENS

A Santa Igreja aprova, abençoa e incentiva o culto das *imagens*. Ela quer ver glorificados, para exemplo do povo cristão, os heróis da virtude — os Santos.

Este culto das *imagens*, porém, deve ser um culto racional, decente e digno dos Santos.

Em primeiro lugar, as *imagens* não devem ser expostas à devoção dos fiéis sem aprovação da Igreja.

Ninguém pode inventar, na sua imaginação, Santos e bemaventurados.

As *imagens* hão de ser verdadeiras *imagens* e não *caricaturas* do Santo.

Não julguem os senhores por aí que a Igreja aprova *imagens* imperfeitas, mal esculpidas, verdadeiras figuras de aleijões.

Expõem ao ridículo o culto dos Santos certas *imagens* feias, mal pintadas, sem arte, e que, longe de nos levarem à oração, nos leva à indignação ou ao riso.

Imagens imperfeitas não se benzem, não podem ser expostas ao culto. A Igreja é severa nas suas leis do culto, e só permite o culto de algumas *imagens* imperfeitas, consagradas pela tradição e a história. Ha *imagens* não aprovadas pela Igreja e verdadeiras criações supersticiosas. Querem exemplos? uma delas é a do pobre *Sto. Onofre*, coberto de *cabelo e barba* e diante da qual devotos supersticiosos colocam um prato de alimento e até um copinho de *pinga!*...

SÃO LAZARO

Devoção ridícula e absurda! Arranjaram uns negociantes de *imagens* um absurdo: — a *imagem de São Lazaro* representada num pobre morfético de cabeça amarrada e coberto

de chagas, e sustentado por duas muletas. Pois este *São Lazaro* não existe! É pura fantasia. Consultei os melhores autores, catalogos e dicionários de Agiografia e só encontrei os seguintes santos:

São Lazaro — Arcebispo de Milão do ano 438 — Festa 11 de Fevereiro.

São Lazaro — Confessor do IX século, falecido em 870 e sepultado em Constantinopla.

São Lazaro — Mártir na Persia. Festa 27 de Março. Sofreu martírio com os Santos Marostas, Narsés e Zanitas no tempo da perseguição do Rei Sapór no IV século, em 344.

São Lazaro — Diácono de Trieste que teve a cabeça cortada por amor de Cristo na perseguição de Antonino. É do século II. Festa a 12 de Abril.

São Lazaro — O do Evangelho, ressuscitado por Jesús. Irmão de Marta e Maria. Morreu como bispo de Marselha, segundo a tradição.

Eis aí os *São Lazaro*, legítimos Santos da Igreja Católica e aos quais podemos prestar o nosso culto.

São Lazaro, *morfético*, coberto de chagas, de cabeça amarrada, e muletas, só talvez o da parábola do Evangelho. Este, porém, não é Santo porque é mero personagem de *parábola*. E não consta que algum *São Lazaro* tivesse sido realmente *lázaro*. Portanto, a tal imagem de *São Lazaro* que por aí corre, é fal-

sa, é pura invenção. É sentimentalismo supersticioso. Deve ser abolida.

OUTRAS SUPERSTIÇÕES

Querem ver mais algumas superstições em imagens? A imagem de *São Gonçalo do Amarante com a violinha*. Arranjaram um santo *folião*! Pobre *São Gonçalo do Amarante*! Um santo penitente, puro como um anjo, um confessor da fé, e que nunca em sua vida conhecera a viola e que nunca talvez houvesse dançado, a proteger *folias* e *bailes* em altariños diante do qual sapateam e dançam a cantar verdadeiras blasfemias!

E aí! do vigário si não benzer o Santo com a violinha! Ficam revoltados os caboclos quando a gente censura a *dança devota de São Gonçalo*!

Ha outras superstições. Uma delas é do *Santo Antonio pequenino*. Levar um *Santo Antoninho* amarrado no bolso para dar felicidade! Amarrar Sto. Antonio de cabeça para baixo para arranjar noivo. (Recurso das quarentonas ou galos de São Roque...)

Pobre *Santo Antonio*! Quanto abuso no culto do grande taumaturgo!

Enfim, vamos parar. Isto não mais se acaba, si começo a falar em superstições.

É mister, não exponhamos ao ridículo, o belo e edificante culto dos Santos.

P. Ascânio Brandão

D. Germano Vega Campón

Prelado de Jataí, foi sagrado Bispo titular de Oreo

Domingo, dia 1 do corrente, na matriz de Sto. Agostinho, com toda a solenidade do ritual, foi sagrado Bispo o Exmo. e Rvmo. Sr. D. Germano Vega Campón, O. S. A., novo Bispo da Prelazia de Jataí (Estado de Goiás).

Foi sagrante o Exmo. e Rvmo. Sr. D. Bento Aloisi Masella, Núncio Apostólico de Sua Santidade o Papa Pio XII junto ao Governo da República; como assistentes do Sr. Núncio e consagrantes do novo Prelado, serviram os Exmos. e Rvmos. Srs. D. Emmanuel Gomes de Oliveira, Arcebispo de Goiás e D. José Mauricio da Rocha, Bispo de Bragança, neste Estado, sendo padrinhos do Sr. D. Vega Campón, o Sr. Comendador Dr. Luiz Tolosa de Oliveira e Costa e Exma. esposa.

Para representar a Ordem Agostiniana, à qual pertence o novo Bispo, encontra-se nesta capital, o Rvmo. Sr. Padre Ambrosio Fernandes, O. S. A., assistente geral da Ordem em Roma e conhecido cientista nos meios hespanhoes e nos principais laboratorios e museus europeus.

A missa da Sagração foi cantada pelo coral mixto do Santuário do Imaculado Coração de Maria, sob a regência do P. Crescêncio Iruarrizaga, C. M. F.

Encerrada a cerimonia, seguiu-se o beijamão do novo Bispo.

Aos Bispos que administram territorios ainda não constituídos em sédes episcopais, como é o caso da Prelazia de Jataí, a Santa Sé dá um título canônico cujo nome recorda antigas sédes de bispados, não mais existentes. Igual título têm todos os Bispos coadjutores auxiliares e resignatários. O título do Sr. Bispo de Jataí é Bispo titular de Oreo, pequena cidade proxima a Athenas e que foi importante séde diocesana nos primeiros tempos da Igreja.

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DO NOVO PRELADO

O Exmo. e Rvmo. Frei Germano Vega Campón nasceu em Amusco, pequena cidade da provincia de Palencia (Espanha), no dia 11 de Outubro de 1878. Foram seus paes os Srs. Gaspar Vega e Juliana Campón. Passados os primeiros da infância, entrou para o Seminário de Palencia, onde cursou latinidade e humanidade, completando com a filosofia e teologia e sua carreira eclesiástica.

Estudante sempre piedoso, distinguido e exemplar, foi proposto para a ordenação sacerdotal, sendo que esta se verificou em Pa-



lencia, no dia 18 de Dezembro de 1902, pelo Rvmo. Sr. Bispo da Diocese, Dr. D. Henrique Almaraz e Santos, logo Primás e Cardeal da Igreja de Toledo.

Almejando ainda uma mais completa formação eclesiástica, cursou a Universidade Pontifícia de Burgos, onde conseguiu bacharelarse e doutorar-se em Sagrada Teologia.

Regeu como Vigário economo várias paróquias da diocese de Palencia, obtendo em concurso canônico, a paróquia de Baltanás. Foi aí onde o chamado de Deus orientou-lhe para um estado mais perfeito: escolhendo a Ordem Agostiniana na qual vestiu o hábito no dia 2 de Abril de 1916, em Santa Maria de la Vid. Em 1917, no mesmo mês, se consagrou a Deus pelos votos simples perpetuos e poucos anos depois, na residência agostiniana de Bilboa, emitiu a sua profissão solene, em Abril de 1920. A sua boa alma, não se contentando com o simples ministerio sacerdotal pediu aos seus superiores um posto de missionário e, cumprindo o voto de obediência, seguiu para a Prefeitura de Iquitos (Alto Perú); aí trabalhou fervorosamente durante quasi tres anos e daria alegremente a vida pe-

las ovelhas da Missão a ele confiada, se não tivesse que regressar à Espanha. A obediência colocou-lhe na residência paroquial de Gijón, aí permanecendo durante cinco anos até que os superiores o reclamaram para a direção espiritual da Escola Apostólica de Uclés (Espanha).

O Capítulo Provincial de 1929 elegeu-o superior da Residência de Gijón, mandato a que renunciou para passar a Pavia (Italia), seguindo os conselhos do Revmo. Pe. Geral da Ordem. Neste Colégio Internacional da Ordem Agostiniana vivia entregue aos cuidados da perfeição religiosa, servindo ao mesmo tempo de exemplo aos seus irmãos, quando foi proposto à Santa Sé e aceito por esta, para Prelado da nova Prelazia de Jataí (Goiaz), tomando posse desse como administrador apostólico no dia 28 de Abril de 1931. Dez anos permaneceu D. Frei Germano Vega Campón trabalhando na ardua seára evangélica a ele confiada, até que a Santa Sé premiou seus esforços, elevando-o à dignidade episcopal como Bispo Titular de Oreo.

"AVE MARIA" apresenta ao novo Bispo votos sinceros de próspero e fecundo apostolado.



A filha de Almenon

(CONTO SAGRADO)

I

TOLEDO é uma linda cidade que se espreguiça docemente por entre colinas e oiteiros bordados de uma vegetação singular. O seu clima temperado, a viração constante, que a visita, sem rios, sem montes, sem campos, suas flores atraem grande número de visitantes. Era Toledo cabeça e centro de um grande reino. Seus destinos estavam confiados a Almenon, que assumira as reдеas da governança.

Este rei mouro tinha uma filha única, formosa como o desabrochar de uma manhã de primavera.

Cacilda (assim se chamava a princesa) bebendo a doutrina de seu pai desconhecia o verdadeiro Deus; e desde o berço recebeu as crenças do paganismo, que envolvia o século que a viu nascer.

A beleza de seu corpo se aliava uma bondade e modestia, que a tornavam, que a faziam adorada principalmente por seu pai, que via nela suas delícias, suas grandezas.

Era realmente uma flor cheia de louçanias e perfumes.

Cacilda crescia em idade e em virtude, ornada de encantos e de graça.

Aos doze anos a morte veio privá-la dos mimos das carícias de sua mãe, em quem bebia vida e felicidade.

A tristeza roçou seus lábios e sentou-se em seu coração, anuviando-lhe a fronte donde fugiam os risos, as graças, que despertam os sonhos de uma virgem. Seus olhos sempre lânguidos traziam uma lágrima à memória do anjo, que a velara no berço!

Cacilda sentia um vazio imenso em seu coração e invejava a felicidade dos cristãos, que nunca ficam orfãos de mãe, pois perdendo a que lhe deu o ser encontram outra a quem chamam, a quem dão o nome de Maria, que é deles Mãe imortal. Sim, ela sabia que os Nazarenos amavam em extremo o seu Deus, seu rei, seus pais, irmãos, esposas, segundo lhe contava uma escrava castelhana, que estava ao seu serviço.

II

Assim se passaram os anos e Cacilda tocava a idade das paixões e do amor.

O seu peito não sentia o bater de um coração estranho, suas amigas eram as flores, falava com elas, dizia-lhes seus queixumes, confiava-lhes os segredos de sua alma e como paga recebia em seus hálitos e em seus perfumes as mais doces consolações, que robus-

teciam seu espírito vergado ao sopro de crueis sofrimentos.

Cacilda tinha um coração de anjo: sofria quando via sofrer, chorava quando via chorar. Era uma flor em botão; faltava-lhe o cultivo da virtude para poder desabrochar-se mais bela e louçã.

III

Era uma manhã: a relva estava ainda estrelada das lágrimas da noite e a terra arrojava aos céus os vapores de seu seio.

Cacilda desceu ao jardim a distrair-se de sua tristeza, a respirar o aroma das flores, a embriagar-se de seus perfumes. Oh! quanta poesia, dizia ela, quanta inocência não se respira aqui! E o vento sussurrava, e as auras respondiam esta canção de amor:

Em nossos jardins de flores,
Ha muita vida e amor,
Em cada tronco um rebento,
Em cada rebento uma flor.

Cacilda suspirava e embriagava-se de novo na brisa, que a beijava.

Nos limites desse jardim havia escuras, medonhas masmorras, onde gemiam famintos e carregados de ferros, muitos cativos cristãos.

Cacilda despertou como de um sonho ouvindo ternos e dolorosos gemidos dos pobres cativos.

A princesa desatou a chorar, a chorar sem consolação e depressa regressou ao palacio com o coração oprimido de tristeza e os olhos arrasados de lágrimas.

IV

A porta do palácio encontrou o rei Almenon e caindo-lhe aos pés lhe disse:

— Meu pai! Senhor meu pai! nas masmorras dos jardins pranteia grande número de cativos. Tira-lhes as cadeias, abre-lhes as portas da prisão, deixa-os voltar à terra dos Nazarenos, onde choram por elles pais, irmãos, esposas amadas.

O Mouro abençoou a filha no fundo do coração, porque era bom e amava Cacilda como a menina de seus olhos: era ela a imagem viva da querida esposa, cuja perda chorava havia um ano. Porém o Mouro antes de ser pai, era muçulmano, era rei, tirano e julgava-se com direito de castigar a audacia de sua filha: porque lastimar os cristãos e pedir

a sua liberdade era um crime, que o Profeta mandava castigar com a morte.

Ocultou por isso a sua indulgência, a indulgência de sua alma, e disse a Cacilda com semblante iracundo e voz ameaçadora:

— Afasta-te, falsa crente, afasta-te de minha presença... A tua língua será cortada e o teu corpo lançado às chamas, que é a pena que merece quem suplica pelos Nazarenos!

E ia chamar os verdugos para entregar a desventurada filha, quando Cacilda de novo caiu aos seus pés pedindo perdão em memória de sua mãe a rainha, cuja morte chorava Almenon sem consolação.

O pobre do Mouro sentiu os olhos inundados de lágrimas.

Apertou a filha entre o coração e perdoou-lhe dizendo:

— Guarda-te, minha filha, de pedir outra vez pelos cristãos e até de os lastimar, porque então não haverá misericórdia para ti. O Santo Profeta bem claro escreveu: "Exterminado será o crente que não extermine os infiéis."

V

Cantavam os pássaros: era azul o céu, era de ouro o sol, abriam-se as flores e a aragem da manhã levava ao palácio do rei Mouro os perfumes dos jardins.

Cacilda estava triste e chegou à janela para distrair-se de suas melancolias.

Os jardins pareciam-lhe naquela hora mais belos ainda: não pôde resistir ao seu encanto. Desceu a afugentar a tristeza, que a afligia, por entre as odoríferas e copadas ramadas.

O anjo de compaixão em forma de mariposa saiu-lhe ao encontro e enfeitou-lhe o coração e os lábios.

A mariposa voava, voava de flor em flor, e Cacilda ia após ela sem conseguir alcançá-la.

Mariposa e donzela entranharam-se nos grandes muros: esta penetrou por eles deixando ali imóvel e enamorada a mariposa misteriosa.

Atrás daqueles grossos muros ouviu Cacilda tristíssimos lamentos e então lembrou-se que ali gemiam carregados de cadeias os pobres cristãos, pelos quaes em Castella choravam pais, irmãos, esposas amadas. A caridade e a compaixão fortaleceram sua alma, iluminaram sua inteligência.

VI

Cacilda voltou ao palácio e tomando viandas e ouro dirigiu-se outra vez às masmorras seguida da mariposa, que tornou a aparecer-lhe envolta em mistério. O ouro era para comprar os carcereiros, e as viandas para alimentar os cativos.

Ouro e viandas resguardava com a saia do vestido, quando ao voltar uma rua de rosais encontrou seu pai, que também saira para distrair por ali as melancolias que o fiavam.

— Que fazes aqui tão cedo, luz de meus olhos? perguntou o Mouro à filha.

A princesa corou como as rosas, que a seu lado agitava a brisa da manhã e afinal respondeu:

— Vim para contemplar as flores, para ouvir trinar os passarinhos, ver o sol refletir-se nos prados e nas fontes e respirar o ambiente perfumado de seus jardins, meu pai.

— Que levas aí no regaço do vestido? Cacilda chamou do mais recondito do seu coração pela Mãe imortal dos Nazarenos e respondeu:

— Pai, senhor meu pai, levo rosas, que apanhei nestes rosais.

Almenon duvidando da sinceridade de sua filha, abriu-lhe o regaço do vestido, e um chuveiro de rosas alastrou o chão que ambos pisavam.

VII

Pálida estava a donzela, pálida como uma açucena em botão, descorada como a magnolia dos jardins do rei seu pai.

Pobre menina! O sofrimento enfeitava-lhe o semblante e resignada via correr camadas de sangue, que tingia o fio de brancas pérolas que brilhavam entre seus lábios.

O sofrimento é a partilha da humanidade, é o fruto da revolta: mas é também o cristal em que se purificam as almas privilegiadas.

Pálida e resignada estava a donzela, e o rei Mouro definhava de pena vendo morrer a filha única, os mimos de seu coração.

A ciência dos médicos de Toledo não acertaram em restituir a saúde à querida princesa.

Então Almenon chamou à sua Côrte os mais egregios e afamados doutores de Cordova e de Sevilha.

Porém impotente havia sido a ciência dos primeiros, impotente sem fruto era a ciência dos segundos.

O meu reino e os meus tesouros darei ao que salvar minha filha!... exclamava o pobre Mouro no auge do desespero vendo Cacilda exalar o último suspiro.

Ninguém acertava ganhar o seu reino e seu tesouro, porque o sangue continuava a tingir os alvos lençoes, que guarneciam o virgíneo leito da rainha Cacilda.

Fina-se minha filha, escrevia o rei de Toledo ao rei de Castella, D. Fernando o Magno, com quem entretinha cordial amizade. Fina-se minha filha, e si em vossos Reinos ha quem possa salvá-la, que venha à minha Côrte, e lhe darei... o meu reino... os meus tesouros... dar-lhe-ei até a minha própria filha!...

VIII

Pelos reinos de Castella e de Leão soavam pregões anunciando, que o rei Mouro de Toledo oferecia ao que restituisse a saúde à sua filha, o seu reino, os seus tesouros e até a filha, cuja salvação ardentemente desejava. E contam, que um médico vindo da Judéa,

se apresentara ao rei de Castela oferecendo-se a restituir a saúde à princesa Moura.

Era tal a sabedoria, que refulgia nas palavras daquele homem, e tal a fé, que inspirava a bondade, que resplandecia em seu rosto, que o rei de Castela não vacilou em dar-lhe cartas, assegurando a Almenon, que lhe enviava com elas o salvador da princesa Cacilda.

Apenas o médico vindo da Judéa tocou a fronte da donzela, o sangue deixou de correr, e a cor de rosa começou a tingir as pálidas faces da filha de Almenon.

— Tomai o meu reino! exclama o rei louco de alegria e cheio de agradecimento.

— O meu reino não é deste mundo, respondeu o médico vindo da Judéa.

— Tomai o meu maior tesouro! replicou o rei de Toledo designando ao médico a sua filha.

O médico fazendo um sinal de aceitar estendeu os braços para Castela e disse:

— Ha ali aguas purificadoras, que hão de completar a salvação da virgem muçulmana.

E no dia seguinte a princesa Cacilda pisava a terra dos cristãos, acompanhada sempre do médico vindo da Judéa.

IX

Cacilda e o médico caminharam, caminharam, caminharam para a terra dos Nazarenos e afinal passaram na margem de um lago de azuladas aguas.

O médico tomou algumas gotas da agua no vâsio da mão derramando sobre a fronte da princesa:

— Eu te batizo em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo.

E a princesa sentiu inefavel gozo parecido ao que outrora lhe contara a serrana nazarena, gozo que sentiam os bemaventurados no Paraiso.

Os joelhos dobraram-se-lhe, e os olhos fitaram a abobada azul dos céus; e ela ouviu dulcisonar "hosanas", que a fizeram lançar a vista em torno de si.

O médico vindo da Judéa já não estava a seu lado, porque rodeado de cintilantes resplendores se elevava para a abobada azul do céu.

— Quem sois vós, Senhor, quem sois? exclamou a princesa atônita e deslumbrada.

— Sou o teu esposo; sou o que deu a saúde à filha de Jairo, que padecia a doença que tu padeceste: "Aquele que deixar pai, mãe, mulher, irmãos, filhos pelo meu nome receberá cem por um e possuirá a vida eterna."

E sumiu-se...

X

Na margem de azuladas aguas, que formam o lago, hoje chamado de São Vicente, e está em terras de Briviescas, ha uma pobre ermida, onde viveu penitente e solitária a filha do rei Mouro de Toledo, que hoje chamam Santa Cacilda.

O que foi...

*Eu fui a chama incerta e vacilante
— alma inquieta, indecisa, mal segura... —
que o vento forte, em seu rondar constante,
nunca deixou subir a grande altura...*

*Eu fui a labareda palpitante
— alma a queimar-se em sonhos de ventura...
que se consome e extingue num instante
deixando a treva ainda mais escura...
Eu fui êsse clarão fugaz e vazio*

*a arder, agora, ao cimo do Calvário,
logo afundado em densa escuridão...
Eu fui essa alma errante e dolorida
a vaguear, sem rumo, pela vida,
buscando a paz... criando a inquietação...*

O que é...

*Eu quero ser a luz branda e brilhante,
modesta, humilde e meiga da candeia
que nas trevas da noite bruxuleia
— estrelinha serena e palpitante... —*

*Eu quero ser a brasa a arder, constante,
sob a cinza do lar, depois da ceia,
que logo de manhã desperta e atea
a labareda alegre e crepitante...*

*Eu quero ser a chama carinhosa
a aquecer a miséria dolorosa,
a consolar a dor que geme e chora...*

*Eu quero ser a luz do lampadário
a arder, fiel, em frente do Sacrário...
— queimar-me, por amor... a toda a hora...*

MARIA DA SOLEDADE

Nossos defuntos

Faleceu no dia 12 de Maio, na chácara Nova Catalunha, o saudoso sacerdote Rvmo. P. Jayme Nogueira, filho do Sr. Francisco Nogueira e de D. Maria Camprubi.

No desempenho dos seus ministerios, deu sempre as mais sublimes provas de incansavel zelo, sacrificio e abnegação.

Celebraram-se em sua memória solenes funerais, com assistência de personalidades de maior destaque, eclesiásticas e leigas.

FALECERAM MAIS, NA PAZ DO SENHOR,
em:

JUNDIAÍ — Sr. José Antonio Vieira. — Sr. Serafim Trigo. — D. Antonia Chicheto. — D. Maria Angela Mazza. — Sr. Vicente Zonaro. — D. Carolina Generali.

Às exmas. famílias enlutadas, nossos pêsames.
Esta Administração mandou celebrar os sufrágios a que tinham direito.



TRANSCORRE NO DIA 4 DE JUNHO o trigésimo aniversário da sagração episcopal de Sua Eminência o Cardeal Dom Sebastião Leme. Em regosijo, serão celebradas Missas em todas as paróquias, reitorias, capelas e comunidades do Rio, em ação de graças, com comunhão geral. Como festejo máximo da efeméride que recorda a sagração episcopal do sacerdote que se acha à frente da Igreja no Brasil, será cantada missa solene às 10 horas e 30 minutos, na Catedral Metropolitana.

CHEGOU A ESTA CAPITAL Sua Excia. o Sr. D. Aloisi Masella, Núncio Apostólico da Santa Sé junto ao Governo brasileiro. Sua Excia. Revma. sagrará no dia primeiro de Junho, festa de Pentecostes, Monsenhor Germano Veiga, da Ordem dos Agostinianos, ha pouco nomeado Administrador Apostólico da Prelazia de Jataí, no Estado de Goiás.

INICIOU-SE, na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, o esperado curso de História da Civilização Portuguesa, que vai ser estendida a todas as Faculdades de Filosofia do país.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA assinou um decreto-lei abrindo o crédito especial de 1.700:00\$000 para ocorrer às despesas da construção da Fábrica Nacional de Aviões, em Lagôa Santa, Estado de Minas Gerais.

Por outro decreto-lei do Chefe do Governo foi aberto o crédito de 2.000:000\$000 para aquisição de aparelhagem de fabricação de aviões "North-American" NA 44, da Fábrica North-American Aviation Inc.

ACABAM DE SER APROVADAS, pelo Presidente da República, as sugestões do Conselho de Segurança Nacional para a reivindicação pelo governo federal da faixa de dez leguas ao longo das fronteiras, estabelecida na Constituição do Império e nunca reivindicada até hoje por nenhum dos sucessivos governos brasileiros.

PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, foi assinado o decreto, instituindo a estrada de ferro Central do Brasil em personalidade de natureza autárquica.

O referido decreto foi elaborado pelo D. S. P., em colaboração com o Ministério da Viação e sob a direção imediata do Exmo. Sr. Presidente Getúlio Vargas.

A Central ficará sob a direção do Ministério da Viação, com o seu patrimônio atual, e gozando na forma da legislação em vigor das mesmas isenções para importação de materiais e combustíveis.

A Estrada será dirigida por um diretor brasileiro nato, livremente escolhido e nomeado em comissão pelo Presidente da República. A Central submeterá à aprovação do Presidente da República o projeto de seu regimento, pelo qual no futuro se regerá.

O TRIBUNAL DE CONTAS mandou devolver ao Tesouro Nacional, para ser feita a classificação da despesa, o processo relativo à distribuição do crédito de 30.000:000\$000 à Pagadoria de Marinha, à conta da quota atribuída a esse Ministério pelo crédito especial destinado à execução do Plano Especial de Obras Públicas e Aparelhamento da Defesa Nacional no corrente ano, para aplicação no programa de reorganização naval.

DESTACAM-SE, no quadro das exportações brasileiras, duas ceras vegetais: a da carnaúba e uricurí, ficando a primeira apenas abaixo do café.

Em 1940, mais 87% da produção de nossa carnaúba foi colocada nos Estados Unidos, sendo a mais destacada cera vegetal registrada na importação daquele país.

No primeiro trimestre deste ano o Brasil tem exportado 3.196 toneladas, no valor de 71.006 contos.

CONFORME DIVULGAÇÕES NOVAIORQUINAS, foi aprovado unanimemente o crédito de 20 milhões de dólares para a construção da auto-estrada inter-americana até ao Panamá. Essa quantia representa uma terça parte das despesas totais. Os dois terços restantes serão pagos pela Costa Rica, São Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Panamá.

É CALCULADO NA ESPANHA em mais de 80.000 hectares o aumento da superfície de cultivo do trigo no corrente ano de 1941, em relação ao ano transato, que era de 4.535.339 hectares.

NO INTUITO DE ESTIMULAR a criação do bicho de seda na Espanha, o Estado iniciou a aquisição dos casulos da atual safra, paganda dez pesetas por quilo.

O LIDER TRABALHISTA AUSTRALIANO, sr. Curtin, sugeriu que os Domínios promovam conjuntamente a reconstrução da Camara dos Comuns e outros históricos edifícios danificados na Grã Bretanha pelos raids aéreos alemães.

TODOS OS DOMINGOS PELA MANHÃ mais de um terço dos 11 milhões de lares ingleses recebe o relato dos acontecimentos da semana por intermédio do "New of the World", a revista de maior circulação do mundo, pois vende mais de 4 milhões de exemplares.

DE GENEVRA COMUNICAM: "Francêses! Tende Filhos!" foi essa a frase irradiada na manhã do dia 23 de Maio, pela emissora de Vichy, referindo-se ao "Dia das Mães". O apêlo transmitido pela estação acrescentava: "A França precisa de um maior número de crianças, para cumprir com a velha sentença romana: "Três Filhos em cada Casa". É do dever e do interesse de todos de aumentar a família. Um país sem crianças, é um país condenado à morte."

Biblioteca amena da "AVE MARIA" (48)

Luciano e Paulina

Paulina estava encantadora. Envoltas no véo nupcial, dir-se-ia a imagem da inocência. Ajoelhada, com o rosto encostado nas mãos, meditava. Suas desventuras passadas deslisavam pelo seu pensamento, como um máu sonho de que acordava agora. Se não fosse a falta de sua mamãe, sua felicidade seria completa; mas os olhos da fé faziam-na vê aquela santa alma lá no Empyreo, junto de Jesús, gozando da felicidade que Ele prometeu aos mansos, pacíficos, humildes e resignados.

Começou a Missa. Todos oram fervorosamente. A Irmã Teresa prepara-lhes mais uma surpresa.

O silêncio até ali só fôra interrompido pelas palavras do sacerdote, mas de repente a mão experimentada da Irmã vibrou as teclas do harmonium, lançando no ar as notas cheias de harmonia, enquanto uma doce, suave e infantil voz entoou o "Gloria in excelsis Deo!..." Qual seria aquele anjinho que assim fazia vibrar as cordas sensíveis de todos os corações, arrancando lágrimas de comoção?

Era a pequena Alexandrina.

Paulina sentia dilatar-se-lhe o coração de prazer e gratidão pela Irmã Teresa, que lhe proporcionára aquela alegria.

A mãe de Alexandrina chorava copiosamente.

— Por que não viverei um pouco mais, oh meu Deus!

Orava a pobre mulher para vê crescer aquela doce creaturinha; para assistir ao desenvolvimento daquela flôr mimosa!

— Sinto que a minha vida se esvae, continuou ela, e no entanto quizera viver! Enfim, seja feita a vossa vontade! Pequei muito e é necessario que vos imole a minha vida para que volvais sôbre mim os vossos olhos misericórdiosos.

Chegou a hora da Comunhão. O Capelão, auxiliado pelo Padre Pedro, distribuiu o Pão Eucarístico a todos os presentes. Logo que o sacerdote voltou ao altar,

os sons melódiosos encheram de novo os ares e a doce vózinha entoou o "Quid retribuam Domino", para agradecer a reabilitação de Paulina.

Terminada a Missa, o Padre fez uma curta alocução e deu o Menino Jesús a beijar aos assistentes.

Seguiu-se a celebração do casamento e ficaram unidos aqueles dois corações, feitos um para o outro.

Alexandrina cobriu de flôres os noivos.

Começaram então as efusões de alegria, as felicitações e os abraços. Todas as doentes queriam beijar as mãos de Paulina. Muitas choravam por vê-la partir. Que vácuo se faria em torno delas! Haviam-se acostumado com seus carinhos e dedicação de todos os momentos.

As commoções tinham abalado profundamente a pobre Joanna, que jazia prostrada.

A Irmã Teresa deitou-lhe umas colherinhas de vinho pela boca, para que ela pudesse despedir-se de Paulina e da filhinha.

A doente abriu os olhos.

— Adeus, minha boa Joana! disse-lhe a noiva, tomando-lhe uma das mãos.

— Ah! vão partir? Tão depressa? Ah! minha filhinha! Não te verei mais, gemeu a enferma entre soluços.

— Não chore, disse a pequenita, virei sempre vê-la, não é verdade, mãesinha?

— Sim, meu anjinho, respondeu Paulina.

— Mas é que em breve morrerei. Deus, em sua infinita misericórdia, prolongou os meus dias até que eu visse unidos os corações que aparteí. Vejo que a minha vida toca ao seu termo. Sr. Luciano, promete-me que amará a minha filhinha como um pai?

— Oh! minha bôa Joana, serei eu tão infeliz que duvide disso?

— Sei que é muito bondoso, mas como foi ela o pomo de discórdia que os separou, tortura-me o pensamento de que não poderia lhe querer bem.

— Pois engana-se, minha bôa mulher. Basta que esta criança seja querida de Paulina para que eu também a ame. Além disso, a pequenita não teve culpa alguma. Eu só fui o culpado. Fui eu o algoz de minha noiva.

— Luciano! disse Paulina com um olhar de exprobração.

(Continua)

PÁGINA INFANTIL



(É proibida a reprodução desta página)

Aventuras do Bastião

(Continuação)

A borboleta achou muita graça na seriedade do pretinho.

— E para que, tanto dinheiro?

— Gosto muito da mamãe, sabe? Quero pagar todos os sacrifícios que ela já fez por mim... Si eu estudar bastante, poderei ficar rico, e mais tarde comprar vestidos e agasalhos para ela... Mamãe não precisará nunca mais trabalhar, nem chorar quando o dono da casa vem receber o aluguel...

— Tolinho!

— Tolinho?!

— Sim senhor! Sua mãe não precisa do seu auxílio, e você ainda é muito pequeno...

— Mas já tenho sete anos!

— Que importa? Ainda é muito pequeno para se sacrificar assim. A escola é cacete, massante... Para que aprender o A-B-C? Para que? Não é melhor ficar deitadinho na cama, enquanto faz frio lá fóra?... Para que passar horas inteiras sem brincar? Isso é para os meninos estúpidos...

— Mas...

— Conheço um país onde nenhuma criança vai à escola...

— Sim?!

— ... Todos vivem à vontade. Fazem o que querem. Brincam o dia inteiro, dormem horas a fio... e o que é melhor: moram em casas feitas de chocolate!

— Você disse "chocolate"?!

— Disse.

— E onde fica esse país?

— É preciso andar muito para se chegar lá.

— Mas, você garante que as casas são mesmo de chocolate?

— Garanto! As ruas são calçadas com "bom-bons" e as árvores são de geleia!

— Não diga!

Bastião suspirou alto:

— Quem me dá a ir lá!

— Posso lhe mostrar o caminho. Quer?

O pretinho ficou indeciso. Primeiro pensou na mãe que lhe comprara a cartilha e lhe dissera um dia:

— Filho: aqui está a chave do saber. Estude si quiser me ver feliz!

Depois pensou no casarão branco da escola onde a professora o esperava...

— Não posso, dona borboleta, disse por fim.

— Paciência! Eu poderia lhe mostrar também o tesouro da floresta; porém...

— Tesouro da floresta?!

— É. Você ficaria rico, sem precisar estudar. Teria casas, automóveis, roupas finas, dinheiro a valer!...

— E eu poderia comprar um par de botas amarelas?

— Certamente! disse a borboleta sorrindo.



Bastião pensou... pensou... e acabou achando que a borboleta tinha razão. Afinal era bem desagradável estudar o dia todo, e passar horas inteiras a soletrar a cartilha e a repetir uma porção de vezes a mesma cantilena: "Um mais um igual a dois".

Um mais dois igual a três...

Atirou fóra a cartilha, e disse decidido:

— Vá depressa, dona borboleta. Quero ver o tesouro da floresta!

Regina Melillo de Souza

(Continua)

— Quer saber de uma coisa? Resolvi nunca mais beber...

— Não diga! E por que essa resolução tão rápida?

— Hontem, quando cheguei em casa, vi a minha sogra em duplicata... Uma já é demais...

Ótimos livros:

A LEI DE DEUS

Belíssima coleção de lendas, baseadas nos preceitos do Decálogo

333 páginas de leitura amena para centros de Ação Social

PREÇO: 5\$000
(Pelo correio mais 1\$000)

DEVOCIONÁRIOS ESCOLHIDOS PARA OUVIR BEM A SANTA MISSA

AVE MARIA 1\$500
MANÁ DO CRISTÃO . . . 4\$000
DEVOTO JOSEFINO . . . 4\$000
CAMINHO RETO 12\$000
MANUAL DO CRISTÃO
(com letra grande) . . 15\$000
(Pelo correio mais 1\$000)

PARA PRESENTES

com encadernação de todo luxo

ANTE O ALTAR

de 20\$, 22\$, 25\$, 30\$ e 50\$000

Verdadeiro repositório espiritual de pensamentos eucarísticos, próprios para passar fervorosamente uma piedosa Hora Santa.

★

A venda na

ADMINISTRAÇÃO DA
"AVE MARIA"

Rua Jaguaribe, 699
Caixa, 615 — São Paulo

Imitação de Cristo

Acaba de sair do prélo a nova edição de ROQUETE, contendo as reflexões depois de cada capítulo.

600 PÁGINAS

BELA ENCADERNAÇÃO

PREÇO: 8\$000
(Pelo correio mais 1\$000)

Pedidos à

ADMINISTRAÇÃO DA
"AVE MARIA"

Caixa, 615 — São Paulo

VIDROS E VITRAES

Galliano & Comp.

IMPORTADORES

S
Ã
O
P
A
U
L
O

VIDROS PARA VIDRAÇAS EM GERAL

VITRAES ARTÍSTICOS PARA
RESIDÊNCIAS E IGREJAS

★

RUA LIBERDADE, 590 — FONE: 7-0544

NUNCA ESTÁ *manhoso!*

Com qualquer chocalhozinho esta criança se diverte, e até mesmo sem brinquedo algum! E' que no geral a alegria de uma criança reside na sua saúde. Não ha criança manhosa nem criança triste. Se choraminga, está doente, falta-lhe alguma coisa!

Durante o periodo da dentição, a CAMOMILLINA evita as perturbações na saúde da criança. Corrige os transtornos digestivos comuns à primeira idade, acalma-lhe a super excitação e impede as verminoses.

A CAMOMILLINA dá os melhores resultados no tratamento de colicas, diarréa, gastro-enterite, febre, insônia, etc. Contendo fosfatos e calcários, proporciona ao organismo infantil materiais de que necessita para a formação dos ossos, dentes, etc. Dá-se CAMOMILLINA às crianças desde cerca de quatro meses de idade



CAMOMILLINA

PARA A DENTIÇÃO DAS CRIANÇAS

COLLEGIO CORAÇÃO DE MARIA
CHACARA PARAIZO
RIO CLARO